

Aceitabilidade (*)

No momento em que tomamos conhecimento pleno da importância do desenvolvimento pessoal no atendimento de pessoas com deficiência ou com necessidades especiais, não podemos deixar de compará-lo, por uma óbvia alegoria, com o papel insubstituível de pedras angulares nas arcadas dos aquedutos que abasteciam de água potável as principais cidades do Império Romano.

Na verdade, passaremos a sentir uma forte necessidade de rever o que temos realizado nas tentativas de tornar essas pessoas mais eficientes em sua busca da verdadeira inclusão social.

Se aplicarmos a alegoria ao nosso universo aqui discutido, concluiremos que de nada adiantam sofisticados esquemas de educação e de reabilitação, por exemplo, se o indivíduo não tiver adquirido, durante seu atendimento, um posicionamento muito claro da importância daquilo que passaremos a chamar (com as sempre esperadas reações de forte rejeição à parte) de “aceitabilidade”.

Ela é uma das principais “pedras angulares” da inclusão social de qualquer ser humano, com ou sem lesões ou dificuldades limitadoras.

Com características muito próprias a cada indivíduo, podemos ter a mais absoluta certeza de que todo ser humano sente necessidades que precisam ser satisfeitas, tem objetivos a serem atingidos, sonha projetos a serem colocados em prática, qualquer que seja sua origem, seu nível intelectual, sua crença religiosa, seu potencial financeiro, seu tipo de personalidade, seu meio familiar, seu grau de cultura.

Ele sente necessidade de eliminar ou de reduzir desconfortos e dificuldades, tais como a fome, o cansaço, a insegurança, a raiva, a carência. Para ficar bem, ele precisa satisfazer sua necessidade de afeto, repouso, sucesso e outras mais.

É notório que o indivíduo utiliza-se de diversos meios e prepara situações por vezes sem conta surpreendentes para superar as dificuldades e os bloqueios que sente em sua vida.

Em alguns casos esporádicos, os meios empregados podem até ser pouco recomendáveis ou aceitáveis. Nesses tipos de casos surgem pontos de desequilíbrio, de desajustamento e, por vezes, de quebra de princípios ou de normas, de infrações a leis e regulamentos, e de menosprezo pelos padrões usuais de ética pessoal e social em vigor.

Quando, no entanto, os objetivos são atingidos por meios considerados aceitáveis - mesmo que excepcionais - o indivíduo sente sensações de alívio, eliminando de vez ou reduzindo sensivelmente o volume de atividades especiais, até então dirigidas para contornar o problema e atingir o alvo.

É preciso, no entanto, nos objetivos de eventual trabalho com pessoas com deficiências ou outros tipos de necessidades especiais, restringir esse universo e ficar atento às dificuldades e problemas advindos na vida do indivíduo, devido às diversas deficiências e todos os ingredientes que as cercam, não menosprezando os adicionais, que são os injustos estigmas sociais criados e mantidos contra elas.

Anomalias e problemas limitadores podem trazer aos indivíduos tensões emocionais múltiplas e por vezes muito sérias. Eles podem ser fonte de constante frustração nos seus diversos níveis e momentos de atuação dentro ou fora de seus ambientes usuais.

Ao procurar alguma ajuda para essas pessoas, profissionais acham, por vezes sem conta, que a solução para a maioria de seus problemas poderá estar simplesmente na eliminação, redução ou camuflagem de uma deficiência. Esquecem-se eles que esconder ou simplesmente reduzir um problema limitador, não o elimina.

Mas há também determinados técnicos que consideram estar a dificuldade resolvida, apenas com a viabilização da vida de trabalho, seja ela qual for.

No entanto, deve ficar sempre muito claro que as pessoas com problemas sérios e limitadores têm o mais evidente direito de levantar suas expectativas quanto aos resultados da reabilitação..

Essas expectativas são, vez por outra, formuladas em termos bastante limitados e os objetivos acabam restringindo-se a soluções imediatistas de problemas permanentemente sentidos, tais como andar, falar, sentir a própria independência em seus cuidados pessoais e... trabalho.

No fundo da questão, todavia, fica velado, ignorado ou raramente expresso o desejo de adquirir condições objetivas para uma vida repleta de normalidade, desejo esse que poderá ser concretizado por iniciativa própria, ou, quando necessário, por programas de reabilitação.

Por que “reabilitação”? Porque, na verdade, uma das grandes responsabilidades inerentes à maioria das áreas de atendimento da reabilitação deve ser, de fato, alertar para esses fatores fundamentais na vida de qualquer ser humano.

Diante desse desafio e dos ambientes contraditórios no universo das entidades atuantes na comunidade, é necessário perguntar com verdadeira vontade de saber:: Para que têm servido os centros de reabilitação de pessoas com deficiência? Destinam-se eles a todas as pessoas que têm deficiências, sem qualquer exceção? Qual o objetivo de seus programas ou de suas múltiplas atividades técnicas?

Uma resposta simplificada poderá indicar que basicamente eles existem para garantir o desenvolvimento de um programa coordenado e destinado a pessoas que vivem em

situações de anormalidade habitual, ou apenas de parcial ou total dependência e que não conseguem sair dela por seus próprios meios.

Analisando sua formulação teórica, veremos que o propósito de um programa de reabilitação deve ser o estabelecimento de condições fundamentais para que seus beneficiários atinjam o melhor índice possível de inclusão em seu meio, em bases justas.

Embora pareça um objetivo muito óbvio, louvável e indiscutível, ele só poderá ser atingido por meio de um trabalho competente, técnico e voltado para a necessidade de fazer com que a pessoa com deficiência compreenda e aceite seu problema, sem sucumbir a ele.

Para tanto, que avalie e pese bem o significado da vida competitiva em sociedade, com todas as suas implicações, e que, já consciente de toda a situação, não precisando mais negar nem utilizar suas limitações, veja-se suficientemente livre para enfrentar com possibilidades de sucesso situações, com todos os recursos de que dispuser, aconchegando-se nessa mesma sociedade, sempre dentro de suas pretensões e objetivos de vida.

Esse posicionamento traz embutido o propósito último dos programas de reabilitação de caráter global, que é levar a pessoa atendida a tirar o proveito que considerar adequado daquilo que tem dentro de si para organizar sua vida, de acordo com suas aptidões e recursos.

Na verdade, se uma pessoa não consegue livrar-se da deficiência, a questão passa a ser, obrigatoriamente, como viver com ela, da melhor forma que puder. E isso só poderá ser o resultado de uma forte determinação pessoal, que surgirá, tanto como consequência de fatores os mais variados (vida pregressa, educação ou formação pessoal, apoio familiar adequado e outros), quanto como decorrência de programas de reabilitação bem dosados.

E aqui é importante ressaltar que só profissionais muito envolvidos conseguem atuar com efetividade em programas dessa natureza, porque não é um diploma de curso superior que garante esse tipo de qualidade e competência a um profissional.

E neste ponto vale aqui lembrar que todos os profissionais de um programa de reabilitação, sem qualquer exceção, precisam sair um pouco de sua área técnica, a fim de se informar sobre o que tem sido reconhecido como “desenvolvimento pessoal” de caráter global, que deve ser o objetivo final dos programas desenvolvidos em centros de reabilitação.

De fato, esse “desenvolvimento pessoal” poderá ser conseqüente a um processo sistemático de “educação especializada”, ou então, a um tratamento de reabilitação global, que utiliza alguns especialistas interligados num trabalho de equipe.

Na verdade, o intuito verdadeiro e muitas vezes não expresso dos técnicos de reabilitação num trabalho de equipe é propiciar às pessoas condições de compreender o completo significado da vida familiar e social, o valor de seu próprio envolvimento e as expectativas usuais da sociedade em termos de vida pessoal, familiar, social e profissional de seus membros.

Muito embora se reconheça a importância dos trabalhos que almejam o bom desenvolvimento das pessoas, a própria definição e o objetivo de serviços destinados a elas, num centro de reabilitação, não podem nem devem ficar limitados à área de condicionamento físico, envolvendo médicos, fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais, por exemplo.

O mesmo raciocínio é aplicável quanto à área de ajustamento à vida pessoal, familiar ou de trabalho, envolvendo psicólogos, assistentes sociais, orientadores profissionais e outros especialistas.

O ambiente de trabalho sempre foi, de fato, uma importante parte do seu espaço vital, vinculado - como é natural - a todos os demais espaços. Mas nunca foi nem será uma entidade separada, estanque, desvinculada da vida global.

Dessa forma, ressalte-se que a ênfase exclusiva de certos programas em condicionamento físico, ou em soluções de trabalho, excluindo outros ângulos de caráter mais pessoal, corre o sério risco de se tornar inconsequente.

Essas ênfases restritivas, embora importantes, poderão levar a resultados de valor muito limitado para muitas pessoas. Não se deve confundir desenvolvimento global com a mera produtividade do indivíduo em sua vida de trabalho, por vezes resultante da pressão ambiental ou da necessidade de garantir sua remuneração mensal.

Dentro desse tipo de ênfase, o processo de atendimento procurará garantir condições para ajudar a pessoa a compreender bem seu potencial todo, de um lado, e de outro, suas limitações. É importante que ela se decida a aceitar essas limitações, sem nunca a elas sucumbir.

Quando isso acontece na vida de uma pessoa, ela passa a evitar os sonhos inatingíveis e as metas impossíveis, e passa a dedicar suas forças à concretização dos viáveis, a desenvolver posturas mais próprias às suas circunstâncias de vida e a manter uma atuação adequada nessa mesma realidade, globalmente considerada.

O objetivo fundamental das atividades que buscam o desenvolvimento pessoal, social e profissional das pessoas é fazer com que elas possam sentir a sensação de estar bem e de ter condições de enfrentar seus problemas futuros. O "estar bem" deverá ser quase que uma consequência da certeza de que o indivíduo pode resolver problemas por seus próprios meios, saindo-se vitorioso numa vida produtiva, saudável e participante.

Para tanto, as equipes dos centros de atendimento devem estar preparadas para oferecer aos seus clientes diversas oportunidades para analisar e compreender com alguma clareza e objetividade seu potencial e suas limitações, assimilando melhores níveis de funcionamento global.

Mas, para que possam, ao desenvolver suas atividades específicas, atingir esse objetivo, é preciso que os centros de reabilitação colaborem efetivamente com as pessoas atendidas para garantir por si mesmas:

- melhor aproveitamento do tempo de que dispõem no programa
- o melhor condicionamento físico que puderem alcançar
- níveis aceitáveis de estabilidade emocional
- postura aceitável no ambiente de trabalho
- resistência à fadiga pelas horas de trabalho contínuo
- habilidade de ouvir críticas sem reações exageradas
- capacidade para resolver problemas por seus próprios meios
- equilíbrio na eventual busca de ajuda

Um dos pré-requisitos de um programa que busca o desenvolvimento pessoal é que toda a equipe, sem qualquer exceção, acredite nas características do ser humano, em sua enfatizada perfectibilidade e, dentro dela, em sua capacidade de aceitar as mudanças que se tornam fundamentais, para sua assimilação nos vários ambientes dos quais pretende ou precisa participar.

Um centro de reabilitação precisa garantir a todos os membros da equipe, não só a possibilidade de observação direta, para a identificação de problemas ocasionados por certos hábitos e atitudes dos seus clientes em programa, mas também o estabelecimento dos objetivos a serem perseguidos com sua participação.

É preciso também que o centro, sempre que indicado, trabalhe com a pessoa e sua família, por meio de entrevistas, visitas domiciliares ou atividades de grupo, na identificação dos problemas mais significativos de sua vida familiar e social. Deverá ser feita uma clara análise dos problemas detectados que podem causar dificuldades comportamentais e uma definição operacional do programa destinado à sua eliminação, sempre com a colaboração do reabilitando.

Para resultados objetivos, todos os profissionais devem extrapolar um pouco de suas atividades específicas, dispondo-se a fazer anotações e observações de forma sistemática e repassando-as com objetividade ao setor competente.

Dentre os materiais que poderão ser úteis no desenvolvimento de um programa dessa ordem, a equipe poderá tomar como parâmetro orientador, para tal fim, um instrumental para identificação de problemas comportamentais, que cada centro deve procurar elaborar.

Não resta dúvida de que um programa de desenvolvimento pessoal, tão importante como pode ser para a vida de algumas pessoas com deficiência, só será possível com a aliança das atividades próprias de cada setor com aquelas destinadas à melhoria dos hábitos, atitudes e comportamentos dos clientes.

Vale alertar, no entanto, que programas destinados a fomentar mudanças comportamentais, para viabilizar adaptações a ambientes e a situações, nem sempre vivem naquilo que poderá ser chamado de "estado de graça".

Questiona-se muito a validade do tipo de abordagem e a forma como ela é aplicada, porque ela nunca poderá acontecer, por exemplo, de cima para baixo. Deve ser desenvolvida com a plena anuência de cada um dos indivíduos beneficiários do programa, que precisam decidir de sua validade ou de sua inocuidade.

Pontos de questionamento existem às dezenas e um dos mais importantes está relacionado à transitoriedade observada nas mudanças comportamentais verificadas durante programas de centros de reabilitação.

Outro fator dos mais relevantes no estabelecimento de condições para a inclusão social de pessoas com deficiência em geral, relaciona-se à necessidade de modificação das muitas atitudes preconceituosas a respeito delas, bastante contraditórias na sociedade.

É notório e tem sido muito fácil perceber, entretanto, que se trata de um assunto de extrema complexidade, repleto de meandros, com um objetivo muito difícil de ser definido em termos práticos e impossível de ser atingido a médio e a curto prazos.

Em contrapartida, nunca deverão ser deixadas de lado as estratégias mais adequadas e eficientes da reabilitação, cujos propósitos resumem-se em desenvolver programas destinados a colaborar com os indivíduos marginalizados, para serem mais competentes como pessoas que desejam atuar na comunidade onde vivem.

Assim sendo, o objetivo desse tipo de programa, em curto e médio espaço de tempo, precisará tornar-se mais óbvio e mais aplicável ao dia-a-dia, ou seja, procurar levar as pessoas com deficiência ou necessidades especiais a assumir uma objetiva preocupação com sua competência pessoal.

Programas baseados em tais preocupações poderão levar à substituição de atividades e treinamentos tradicionais, muitas vezes com resultados inconsequentes, por atividades e treinamentos relacionados, por exemplo, conforme o ambiente de trabalho almejado, com a adequada forma de se vestir, com o modo aceitável de se expressar, de se alimentar e de agir ou mesmo com uma atuação competitiva em termos de trabalho.

Considerada essa abordagem, nas Oficinas de Trabalho – qualquer que seja sua denominação - torna-se evidente que tais preocupações poderão também substituir

atividades pouco estruturadas ou improvisadas de artesanato para ocupar tempo ocioso, pelo desenvolvimento planejado de habilidades relacionadas à vida como um todo e às atividades de trabalho de um modo mais especial.

A equipe que atua em Oficinas, por exemplo, não se preocupará tanto com o treinamento muito pouco efetivo em carpintaria, marcenaria, tecelagem, pintura em tecidos, ou no uso básico de computadores e outras, mas com atividades mais realistas, que poderão levar as pessoas a adquirir, desenvolver e manter adequada postura e bons hábitos de trabalho.

É de vital importância, no entanto, que a preocupação com a eventual e por vezes necessária alteração de hábitos e atitudes por parte de algumas pessoas com deficiência inscritas em programas de reabilitação nunca poderá ser isolada e de um só profissional.

Toda a equipe, durante todo o programa, de uma forma ou de outra, deverá estar voltada para ela. Não há dúvida de que, antes de mais nada, sua coordenação deverá ser definida com clareza para que esse novo enfoque possa ser levado a sério e com profundidade e continuidade.

Em resumo, e para melhor enfatizar o que foi anteriormente discutido, é preciso que uma equipe que desenvolve um programa de reabilitação deve manter suas atividades específicas, mas dentro de um processo destinado ao desenvolvimento global não só das pessoas com deficiência, mas também daquelas que sobrevivem com necessidades especiais.

Dentro de um indispensável realismo, embora ela possa acontecer em ambientes separados, ela não pode trabalhar apenas com o físico das pessoas; ela não pode limitar-se aos sistemas multifacetados de educação especial; ela não se resume na obtenção de empregos remunerados devido a pressões da legislação e sistemas vigentes de cotas.

Em sua grande luta, a reabilitação tem trabalhado, sim, com os problemas físicos que bloqueiam as pessoas com deficiência, mas precisa atuar também - e por que não? - com a necessidade de eventual reforço ou mudança de hábitos ou atitudes dessas pessoas, sem deixar de lado uma atuação de mais fôlego, e a longo prazo, com a sociedade, no sentido de também rever e alterar suas atitudes para com elas.

A pessoa adulta com deficiência ou que vive com necessidades especiais, quando decide enfrentar os desafios de um programa de reabilitação, almeja, por vezes expressamente, por vezes inadvertidamente, tornar-se competente, como as demais pessoas que vivem no grande mundo das interações, a fim de enfrentar com possibilidades de sucesso situações as mais variadas, inclusive aquelas relacionadas à independência pessoal, à vida afetiva, ao trabalho competitivo, por exemplo.

Diante da realidade em que vivemos, com uma pandemia que nos deixa perplexos, como atingir esses objetivos?

Uma das formas de se colaborar com sucesso na realização desses sonhos, a que elas têm direito pleno e irretorquível, tornando menos problemático o caminho de uma desejada inclusão social, com ou sem pandemia, será armar os programas de reabilitação como um veículo ordenado com maior objetividade e mais voltado para as realidades do seu entorno.

Para tanto, não é possível escapar à necessidade de reavaliar os programas até agora mantidos, de reciclar com cuidado todo o pessoal técnico e administrativo que já labuta, de manter uma contínua preocupação com dados de realidade, a fim de tornar o processo de atendimento mais eficiente, lembrando continuamente que o propósito final de toda a atuação da equipe é levar as pessoas a uma vida menos atribulada e mais positiva em todos os sentidos.

(*) Agostinho de Alfenas

Cotia/SP, 03 de abril de 2020

Observação final:

Nas muitas horas de preparo deste desprezioso estudo, como uma das pessoas com deficiência que sou e que tinha tido a necessidade de mergulhar nos ambientes de atendimento individual para me inteirar com mais riqueza de pormenores das linhas de raciocínio para acesso aos postulados que acabaram me fascinando, quero deixar lavrado meus mais verdadeiros agradecimentos ao muito profundo Mestre Joshua pela inspiração e contínua assistência a mim, como um verdadeiro neófito no mundo das pessoas com deficiência.

Ass: Agostinho